

## **HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - GHOEM**

### **PARTICIPANTES**

O GHOEM é um grupo multiinstitucional, constituído por pesquisadores sêniores e seus orientandos de mestrado, doutorado e iniciação científica.

#### **Pesquisadores sêniores**

Antonio Vicente Marafioti Garnica (coordenador - UNESP)  
Carlos Roberto Vianna (UFPR)  
Emerson Rolkouski (UFPR)  
Heloísa da Silva (UNESP)  
Ivete Maria Baraldi (UNESP)  
Rosinéte Gaertner (FURB)  
Sílvia Regina Vieira da Silva (UFMS)

#### **Mestres-doutorandos**

Dea Nunes Fernandes (CEFET-MA/UNESP)  
Fernando Guedes Cury (UFT/UNESP)  
Letícia Maria Cordeiro Giani (UNESP)  
Luciana Zanardi (UNESP)  
Luzia Aparecida de Souza (UNESP)  
Maria Ednéia Martins-Salandim (UNESP)  
Marisa Rezende Bernardes (UNESP)  
Zionice Garbelini Martos

#### **Mestres**

Fábio Donizeti de Oliveira (UNESP/UNIP)  
Helenice Fernandes Seara (UFPR)  
Leoni Malinoski Fillos (UFPR)  
Thiago Pedro Pinto (UNESP)

#### **Grupo de Bolsistas de Iniciação Científica**

Amanda Lins (UNESP-Bolsa Núcleo de Ensino UNESP)  
Anderson Aparecido da Silva (UNESP-Bolsa Núcleo de Ensino UNESP)  
Andréia Paludetto (UNIP)  
Letícia Batagello (UNESP-Bolsa PIBIC)  
Márcio Éderson Kakoi (UNESP – Bolsa PIBIC)  
Tatiane Taís Pereira da Silva (UNESP – Bolsa PAE-PROEX UNESP)  
Thaís Saes Giuliani (UNESP-Bolsa Núcleo de Ensino UNESP)  
Vanessa Lopes Menezes (UNESP – Bolsa CNPq)  
Vinícius Hirata (UNESP-Bolsa Núcleo de Ensino UNESP)

### **INSTITUIÇÃO CERTIFICADORA:**

O GHOEM é um grupo cadastrado no Diretório de Pesquisas do CNPq e certificado pela UNESP

### **ENDEREÇO ELETRÔNICO:**

www.ghoem.com

### **DATA DE FUNDAÇÃO:**

A fundação oficial do grupo deu-se no ano de 2002

### **HISTÓRICO DP GRUPO DE PESQUISA:**

#### **Configurações Gerais**

#### **1. Primeira configuração: Histórico, Atividades e Interlocuções**

Em 1998, o professor Antonio Carlos Carrera de Souza (UNESP/USC) já estudava temas vinculados à História Oral, enquanto Gilda Lúcia Delgado de Souza desenvolvia, na UNESP de Rio Claro, seu trabalho de mestrado investigando a Educação Matemática na Baixada Santista, valendo-se da História Oral. O trabalho da professora Gilda foi orientado pelo professor Antonio Vicente Marafioti Garnica (UNESP), que iniciou mais sistematicamente seus estudos sobre História e História Oral com a orientação dessa dissertação.

No ano de 2000, o professor Carlos Roberto Vianna (UFPR) finalizava, na Universidade de São Paulo, seu doutorado em Educação Matemática, com um estudo envolvendo História Oral. A constituição formal do grupo de pesquisa “História Oral e Educação Matemática”, desde cedo conhecido por GH OEM, ocorreu, efetivamente, em meados do ano de 2002, com a visita do professor Carlos Vianna a Rio Claro e Bauru, quando foi realizado um primeiro seminário de estudos do qual participariam os professores já citados e outros professores, então estudantes de graduação e pós-graduação.

Os integrantes do grupo, muitos deles titulados depois de 2002, estão vinculados a várias universidades, sendo delas docentes ou estudantes de programas de pós-graduação. Reúnem-se, assim, profissionais da UNESP, UFPR, UNIP-Bauru, FURB, FUNDEC, UFMS e UFT.

Em 2006 constitui-se um subgrupo do GH OEM ao qual chamamos IC-GH OEM: o grupo de iniciação científica do GH OEM. Fundamentalmente são dois os objetivos do IC-GH OEM: (a) intensificar o oferecimento de estágios de iniciação científica aos estudantes de cursos de Licenciatura em Matemática das Universidades nas quais estão lotados os membros do grupo; e (b) promover o exercício de orientação de pesquisa aos “estudantes” vinculados ao GH OEM que, como alunos de Programas de Mestrado e Doutorado, serão futuros orientadores em Cursos de Graduação e Programas de Pós-graduação. As reuniões do GH OEM ocorrem quinzenalmente em dois núcleos distintos: a UNESP de Bauru e a UNESP de Rio Claro. As discussões desses dois núcleos são posteriormente divulgadas na lista eletrônica do grupo. Além disso, o grupo reúne-se em congressos, seminários, bancas e outros eventos e, quando possível, ocorrem reuniões anuais específicas para as quais convidamos interlocutores de outras áreas para que os trabalhos do GH OEM possam ser discutidos. Dentre os convidados do GH OEM estão a professora Olga de Moraes Von Simson (do Centro de Memória da UNICAMP), a professora Zeila Fabri de Brito Demartini (do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP), a professora Carmen Aranha (do Museu de Arte Contemporânea da USP), a professora Terezinha Zanlochi (do Centro de História da Universidade do Sagrado Coração de Bauru), a professora Sueli Tenca (da Secretaria da Educação) e os professores Antonio Miguel (Faculdade de Educação da UNICAMP) e Álvaro Tenca (Departamento de Educação da UNESP de Rio Claro) dentre outros.

Em 2003 o grupo participou de evento, em Curitiba, com professores de Matemática e de História, discutindo a possibilidade de implantar projetos de pesquisa em História Oral nas escolas da Rede

## **I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos**

Pública Paranaense. Em 2004 o GHOEM coordenou o Grupo de Trabalho do Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa (SIPEQ), ocorrido na Universidade do Sagrado Coração, em Bauru. Os membros do grupo participam de eventos nacionais e internacionais, apresentando seus trabalhos e discutindo suas posições. A produção dos elementos do grupo – toda ela discutida coletivamente nos momentos de encontro – mostra a vitalidade de um tema que até muito recentemente era desconhecido dos educadores matemáticos.

Para desenvolver suas atividades de pesquisa, o grupo tem contado com o apoio financeiro de várias instituições como FAPESP, CNPq e CAPES (Cf. item F. deste memorial – Apoio Financeiro). Os participantes do grupo são membros individuais de várias sociedades de pesquisa e, coletivamente, o Grupo História Oral e Educação Matemática – cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP – é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). O *site* do GHOEM ([www.ghoem.com](http://www.ghoem.com)) entrou em funcionamento em 19/05/2004 e disponibiliza, gratuitamente, para *download*, a íntegra de todas as produções acadêmicas defendidas (relatórios de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado) e resumos de outros trabalhos publicados (como ensaios, artigos e livros).

### **2. Segunda Configuração: História Oral e Pesquisa Qualitativa**

Quando foi constituído, em 2002, ocorria ainda – mais notadamente entre os historiadores – uma discussão insistente sobre a natureza da História Oral. Alguns a viam como uma metodologia de pesquisa, outros como um conjunto de procedimentos para tratamento, constituição e divulgação de fontes; e outros, ainda, como uma disciplina própria vinculada à Historiografia. Durante o Seminário de estudos no qual o grupo foi formalmente criado, dois foram os temas principais: o da natureza da História Oral e o que, especificamente, diferenciaria essa abordagem das demais abordagens de pesquisa que, em Educação Matemática valiam-se de depoimentos eticamente coletados e analisados.

Em termos diretos, concebemos a História Oral como um método de pesquisa qualitativa que não difere, em geral, dos demais métodos qualitativos: compartilha com eles alguns dos princípios mais essenciais e elementares, mas deles difere por ter, dentre suas expectativas iniciais, não somente amarrar compreensões a partir de descrições, mas constituir documentos “históricos”, registros do outro, “textos provocados”. Pode-se argumentar que essa prerrogativa é própria e natural às pesquisas que se valem de depoimentos: as narrativas dos depoentes – e isso é algo que julgamos um princípio em qualquer investigação – devem estar integralmente disponíveis ao leitor que pode, se desejar, respeitados os termos impostos pelos depoentes, elaborar suas próprias análises. São, portanto, sempre, potenciais fontes históricas, cabendo a alguém aproveitá-las assim ou não. A diferenciação entre a História Oral e as demais abordagens qualitativas de investigação, segundo cremos, está precisamente no fato de que a constituição de fontes é intencional – não incidental – e isso obriga os que se valem de tal método a defenderem uma concepção de história (e, conseqüentemente, de historiografia) que parametrize tanto os procedimentos para a constituição das fontes quanto os motivos e objetivos para constituí-la.

Assumir as descrições como fundamentais para conhecer algo, como vetores iniciais e fundamentais nas pesquisas realizadas segundo os parâmetros da História Oral, resíduos de enunciação a partir dos quais o pesquisador intencionalmente cria de fontes históricas, implica aceitar uma concepção de História e de Historiografia condizentes com as vertentes mais atuais, adeptas da História como versão, negando “a” verdade histórica (a ela preferindo a história das verdades). Trata-se, portanto, de alterar os enfoques e as questões suscitadas pelos depoimentos recolhidos: trata-se de alterar o registro, a interpretação, a configuração – nunca plena e definitiva, sempre fragmentária e temporária – da verdade do sujeito que fala sobre aquilo que se pretende conhecer.

Além de defendermos a História Oral como método de pesquisa qualitativa que parte dos relatos orais, constituindo documentos, para elaborar e aprofundar compreensões, é necessário apontarmos uma outra perspectiva: a História Oral não é método inscrito exclusivamente nos domínios historiográficos. E há uma argumentação para defendermos essa afirmação.

## I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos

O equívoco de atribuir à História Oral como “naturalmente” vinculada ao domínio da História pode ser explicado, em primeira instância, pela própria nomenclatura. História Oral é, já, uma expressão simplificada. Melhor seria dizermos: a constituição intencional de fontes históricas a partir da oralidade, numa clara complementação (alguns prefeririam, aqui, “oposição”) àquela concepção de “História” pautada somente em documentos escritos ou, mais radicalmente, em fontes primárias. Não vemos escrita e oralidade em oposição, mas como possibilidades complementares para a elaboração histórica. Historiadores conceituados – tanto antigos como contemporâneos – afirmam sobre as vantagens da utilização de várias fontes para compreendermos os homens no tempo. Negar os arquivos escritos como recurso de pesquisa seria um equívoco tão alarmante quanto negar a importância da oralidade para entender a temporalidade e, nessa temporalidade, as circunstâncias humanas. Existe, sim, julgamos, uma oposição sensível entre a História Oral e a historiografia mais tradicional, mas ela não está nos pseudo-conflitos oral/escrito e memória/história. Está no modo como concebemos a própria história, suas fontes e seus agentes, do que pensamos já ter tratado. Além do mais, não estando inscrita no domínio estrito da História (como defenderemos) não se trata de submeter-nos aos critérios dos historiadores para julgar se é ou não adequada essa forma que defendemos e pensamos ser alternativa para escrever ou pensar História. Temos que constituir um pensamento crítico sobre a História e a Historiografia por nos assumirmos como “fazedores de fontes”, mas devemos estabelecer nossas interlocuções num domínio mais vasto.

Segundo Paul Thompson,

*A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista.*

Recrutar pontos de vista respeitando vivências está na origem do que temos concebido por História Oral. O surgimento das novas tecnologias de registro – notadamente o gravador portátil – traz para a historiografia (mas não só para a historiografia, reiteramos) uma revolução similar àquela que a imprensa, anteriormente, trouxe, permitindo aos historiadores vislumbrar uma pluralidade de recursos quantitativos e qualitativos. A expressão “História Oral” surge entre os americanos, embora focos bastante nítidos de práticas comuns possam também ser detectadas na Europa. À história de seu surgimento vincula-se, via-de-regra, o nome de Allan Nevins, devido às gravações que realizou com personalidades americanas – dentre as quais se destaca a biografia de Henry Ford – logo após a segunda grande guerra. Nevins nega essa paternidade a ele atribuída afirmando, no livro de Dunaway & Baum que

*A história oral nasce da invenção e da tecnologia modernas. /.../ Começamos reavaliando o mito de que eu fundei a história oral. A História Oral fundou-se. Ela tornou-se uma necessidade patente, e teria sido trazida à vida em vários lugares, teria desabrochado sob várias e distintas circunstâncias, de qualquer modo.*

A expansão das atividades industriais e a atenção – dada principalmente pela Antropologia – aos “excluídos” nesse processo de industrialização no mundo contemporâneo, intensificam a utilização das memórias gravadas como recursos para a pesquisa, numa série de estudos de casos. Não se trata mais de privilegiar as grandes personalidades públicas – o que ocorreu mesmo na História Oral em seus inícios, mas de voltar o olhar à particularidade dos marginalizados. É mais propriamente no intervalo entre-guerras (que os autores chamam de “primeira fase”), ainda fortemente atrelada aos documentos escritos, que a História Oral começa a considerar, como foco principal, as populações marginalizadas e casos discrepantes na norma social vigente. Com isso as biografias surgem como instrumento privilegiado, embora a intenção mais fortemente detectada seja a de estudar, a partir de particularizações, os processos e contornos que permitem, criam, mantêm e reproduzem a marginalização, o desvio, a exceção. É em seu processo de desenvolvimento que a História Oral,

ampliando seu foco, passa a estudar grupos e populações de segmentos médios, que dão um panorama mais nítido da realidade.

Como método de pesquisa com procedimentos mais plenamente configurados (ou em via de configuração mais estável, pois se inicia sua reflexão metodológica), a História Oral surge em meados das décadas de 1960/70. Trata de abordar o acontecimento social sem classificações prévias, mas tentando abrir os vários planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza. O sujeito, que se constitui a si próprio no exercício de narrar-se, explica-se e dá indícios, em sua trama interpretativa, para compreensão do contexto no qual ele está se constituindo.

Julgamos que mais adequado seria nos referirmos a essa modalidade de investigação como “abordagem qualitativa de pesquisa que vincula oralidade e memória”, ainda mais no Brasil, onde a influência dos historiadores (que ainda discutem se a História Oral é uma metodologia, uma técnica ou uma disciplina própria) fica relativizada<sup>1</sup> face às influências vindas, por exemplo, das Ciências Sociais.

Como História Oral, portanto, entendemos a perspectiva – essencialmente híbrida e multifacetada – de, frente à impossibilidade de constituir documentos que recriem A história, registrar algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais nesse processo as memórias desses atores – via-de-regra negligenciados pelas abordagens sejam elas oficiais ou mais clássicas – sem desprestigiar, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a importância das fontes primárias, dos arquivos, dos monumentos, dos tantos registros possíveis, os quais consideramos uma outra versão, outra face dos “fatos”. A História é, portanto, como sentença Cohen, apenas um outro texto em uma procissão de textos possíveis e não uma garantia de qualquer significação singular. Entendemos a História Oral como método de pesquisa qualitativo que nos permite – na verdade, segundo nossas concepções, nos obriga a – não só compreender e constituir panoramas históricos mas trafegar por outras cercanias, ter outros interlocutores e vizinhos, outras questões de pesquisa que não as “históricas”, ainda que a constituição de registros seja inerente à opção pelo método e que nele uma hermenêutica esteja sempre latente. Pensamos a História Oral como possibilidade de investigar o dito, o não dito e, muitas vezes, de tangenciar o indizível e seus motivos; e, portanto, de investigar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e faz valer, com o que se torna possível transcodificar – e, portanto, redimensionar – registros e práticas. Nesse panorama, os pesquisadores que como nós têm se valido da História Oral como método de pesquisa, operando como memorialistas, são constituidores de registros: constroem, com o auxílio de seus depoentes-colaboradores, documentos. Tais documentos são, sob nossa ótica, “enunciações em perspectiva” que preservam vozes muitas vezes alternativas e dissonantes ao que classicamente se convencionou chamar de “fato” histórico. Temos, portanto, negado “O” fato histórico e preferido “AS” versões, mais dinâmicas, mais vivas, mais personalizadas, menos mitificadas e heroificadas, que nos permitem transitar por um cenário no qual se entrecruzam o quem, o onde, o quando e o porquê.

---

<sup>1</sup> Ainda assim, essa relativização (que ocorre, por exemplo, quando optando por procedimentos na prática de pesquisa) pode ser questionada. Olga de Moares Von Simson, ex-orientanda de Maria Isaura Pereira de Queiroz (uma das precursoras no uso da História Oral em Sociologia), em comunicação particular ao Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” relata que a criação da ABHO surgiu do interesse de alguns historiadores e sociólogos, motivada principalmente por José Carlos Sebe Bom Meihy – que à época retornava eufórico do Congresso Internacional de História Oral, realizado no México. Um impasse surgiu quando decidindo o nome da Associação. De um lado, os sociólogos defendendo termos como “memória” e “oralidade”; de outro, os historiadores defendendo a expressão “História Oral”. Os historiadores, como se sabe, venceram essa queda de braço.

### 3. Terceira Configuração: Bibliografia de suporte

Para abordar os temas que vêm sendo tratados no GHOM, uma pluralidade de áreas do conhecimento tem sido chamada para interlocução, seja na forma presencial (com convites a pesquisadores profissionais da Sociologia, da História, da Antropologia e das Artes) seja na forma de referências bibliográficas.

Para sistematizar o universo de autores que têm servido de suporte literário ao GHOM, o professor Antonio Carlos Carrera de Souza e a professora Gil da Lúcia Delgado de Souza – ex-membros do GHOM – elaboraram um texto específico (*Bibliografia Básica de História Oral*) com algumas classificações visando a organizar esse conjunto de referências. Este texto é até hoje uma referência importante para as leituras iniciais e avançadas que sustentam nossa produção. Dada a extensão desse artigo, reproduzimos, nesse memorial, apenas as referências, excluindo as discussões que sustentam as classificações propostas pelos dois autores (essas discussões podem ser consultadas, integralmente, em [www.ghom.com/textos/b/bibliografia\\_basica.pdf](http://www.ghom.com/textos/b/bibliografia_basica.pdf)).

#### Obras de Filosofia, História, Antropologia, Sociologia, Psicanálise

- ARENDT, H., **A Condição Humana**, Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.
- ARENDT, H., **Entre o Passado e o Futuro**, São Paulo: Ed. Perspectiva S. A., 1997.
- ARENDT, H., **Rahel: Rahel Varnhagen, A vida de uma judia alemã na época do Romantismo**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARENT, H., **¿ QUÉ ES LA POLÍTICA?**, Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S. A., 1997.
- ARENT, H., **ORIGENS DO TOTALITARISMO**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARIÈS, P. e DUBY, G., LE GOFF, J., **História e Nova História**, Lisboa: Editorial Teorema, 1990.
- ARIÈS, P., **O Tempo da História**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- ARIÈS, P., e DUBY, G. (Org.) , **HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, (5 vol.).
- BLOCH, M. (1999). **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BLOCH, M. (2001). **Apología para la historia o el oficio de historiador**. México: Fondo de Cultura Económica.
- BLOCH, M. **História e Historiadores**. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Editorial Teorema. 1998.
- BLOCH, M., **APOLOGIA DA HISTÓRIA Ou O Ofício de Historiador**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BOSI, A., **DIALÉTICA DA COLONIZAÇÃO**, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, A., **O SER E O TEMPO DA POESIA**, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BURCKHARDT, J. (1990). **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BURKE, P. (1997). **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora UNESP.
- BURKE, P., **História e Teoria Social**, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CARNEIRO, M. L. T. (Org.), **Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2002.
- CASTORIADIS, C., **A Instituição Imaginária da Sociedade**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.
- CERTEAU, M., **A Cultura no Plural**, Campinas: Papirus, 1995.
- CERTEAU, M., **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**, Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, M. **BRASIL – Mito fundador e sociedade autoritária**, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- DAVIS, N. Z. (1987). **O retorno de Martin Guerre**. São Paulo: Paz e Terra.
- DELEUZE, G., **A DOBRA: Leibniz e o Barroco**, (Tradução de Luís Orlandi) Campinas: Papirus, 2000.

- DELEUZE, G., GUATTARI, F., **O ANTI-ÉDIPO – Capitalismo e Esquizofrenia**, Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.
- DELEUZE, G., **LÓGICA DO SENTIDO**, São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- DELUZE, G., **Ressonâncias Nietzscheanas**, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- DERRIDA, J., FOUCAULT, M., **TRÊS TEMPOS SOBRE A HISTÓRIA DA LOUCURA**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, J., **O ANIMAL QUE LOGO SOU**, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. (1992). **Método - Teoria/Modelo**. v. 21. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ERIBON, D., **MICHEL FOUCAULT E SEUS CONTEMPORÂNEOS**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- EWALD, F. **FOUCAULT, A NORMA E O DIREITO**, Lisboa: Vega, 2000.
- FANON, F., **OS CONDENADOS DA TERRA**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1979.
- FAUSTO, B., **História Concisa do Brasil**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- FAUSTO, B., **História do Brasil**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.
- FOUCAULT, M. **DITOS E ESCRITOS I – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- FOUCAULT, M. **DITOS E ESCRITOS II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, M. **DITOS E ESCRITOS III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, M. **DITOS E ESCRITOS IV– Estratégia, Poder-Saber**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- FOUCAULT, M., **A ARQUEOLOGIA DO SABER**, Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987.
- FOUCAULT, M., **A ORDEM DO DISCURSO**, São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FOUCAULT, M., **A VERDADE E AS FORMAS JURÍDICAS**. Rio de Janeiro: Nau Editora. 1999.
- FOUCAULT, M., **AS PALAVRAS E AS COISAS**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992,
- FOUCAULT, M., **EM DEFESA DA SOCIEDADE**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M., **HISTÓRIA DA LOUCURA NA IDADE CLÁSSICA**, São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- FOUCAULT, M., **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: A VONTADE DE SABER**, Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999. Vol.1.
- FOUCAULT, M., **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: O CUIDADO DE SI**, Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1985. Vol.3.
- FOUCAULT, M., **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: O USO DOS PRAZERES**, Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1998. Vol.2.
- FOUCAULT, M., **ISTO NÃO É UM CACHIMBO**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1989,
- FOUCAULT, M., **MICROFÍSICA DO PODER**, Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1990.
- FOUCAULT, M., **O QUE É UM AUTOR**, Lisboa: Passagens, 1992.
- FOUCAULT, M., **RESUMO DOS CURSOS DO COLLÈGE DE FRANCE (1970-182)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FOUCAULT, M., **VIGIAR E PUNIR**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992,
- FREITAS, M. C. de. (1999). **Da Micro-História à História das Idéias**. São Paulo: Cortez/USF-IFAN.
- FREUD, S., Cinco Lições de Psicanálise. In: **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- FREUD, S., Esboço de Psicanálise. In: **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- FREYRE, G. (1995). **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record.
- GADAMER, H.G. et alii. (1988). **História e Historicidade**. Lisboa: Gradiva.

- GIACÓIA JR., O., **Filosofia como Diagnóstico do Presente: Foucault, Nietzsche e a Genealogia da Ética**. In: MARIGUELA, M. (org), **Foucault e a Destruição das Evidências**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- GIANNOTTI, J. A., **Filosofia Miúda**, São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1985.
- GINZBURG C. **A Micro-História e Outros Ensaio**s, Lisboa: Difel e Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S. A ., 1989.
- GINZBURG, C. **RELAÇÕES DE FORÇA**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, C., **História Noturna**, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GINZBURG, C., **Mitos, Emblemas e Sinais**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, C., **O Queijo e os Vermes**, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, C., **Olhos de Madeira**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GINZBURG, C., **Os Andarilhos do Bem**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HEIDEGGER, M., **NIETZSCHE – Metafísica e Nihilismo**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- HEIDEGGER, M., **SER E TEMPO**, Petrópolis: Editora Vozes, 2002. (2 Volumes).
- HELLER, A., **Uma Teoria da História**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HOBSBAWM, E., **Era dos Extremos**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, E., **Sobre História**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, S. B. de. (1995). **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras.
- LE GOFF, J. e NORA, P. (1988). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LE GOFF, J. (1990). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes.
- LE GOFF, J., CHARTIER, R. E REVEL, J. (Org.), **A Nova História**, Coimbra: Livraria Almedina, 1990.
- LE GOFF, J., LADURIE, L., DUBY, G. et alii. (1977). **A Nova História**. Portugal: Edições 70.
- LE GOFF, J., **Memória e História**, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.
- LE GOFF, J., **Reflexões sobre a História**, Lisboa: Edições 70, 1986.
- LINS, D. (Org.), **NIETZSCHE E DELEUZE – Pensamento Nômade**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MARX, K., Manuscritos Econômico -Filosóficos e Outros Textos Escolhidos. In: **Os Pensadores**, São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1985.
- MICHELET, J. (1988). **O povo**. São Paulo: Martins Fontes.
- MICHELET, J. (2000). **Imagens da França**. Bauru: EDUSC.
- MORAES, J. G. V. de & REGO, J. M., **Conversas com Historiadores Brasileiros**, São Paulo: Editora 34, 2002.
- MUCHAIL, T.S., **De Práticas Sociais à Produção de Saberes**. In: MARTINELLI, L. M., ON, M. R. L., MUCHAIL.T.S. (ORG), **O Uno E O Múltiplo Nas Relações Entre As Áreas Do Saber**. São Paulo: Ed. Cortez. 1998.
- NIETZSCHE, F., **ALÉM DO BEM E DO MAL – Prelúdio a Uma Filosofia do Futuro**, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F., **ECCE HOMO – Como Alguém se Torna o que é**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, F., **GENEALOGIA DA MORAL – Uma Polêmica**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F., **HUMANO, DEMASIADO HUMANO – Um Livro para Espíritos Livres**, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, F., **O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA – ou Helenismo e Pessimismo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. **A GAIA CIÊNCIA**. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores. 1984.
- NOVAES, A. (Org.), **O Olhar**, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NOVAES, A. (Org.), **Tempo e História**, São Paulo: Companhia das Letras e Secretaria Municipal de São Paulo, 1994.
- PERROT, M. **Os Excluídos da História**, São Paulo: Vozes, 2001.
- PESSANHA, J.A. da M. (1993). **Filosofia e Modernidade: racionalidade, imaginação e ética. Cadernos ANPED**, 04.



- PORTOCARRERO, V. e BRANCO, G. C. (Org.), **RETRATOS DE FOUCAULT**, Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- RABINOW, P., DREYFUS, H., **MICHEL FOUCAULT – Uma Trajetória Filosófica Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- REIS, J. C.(2000). **Escola dos Annales – a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra.
- REIS, J.C. (1996). **A História: entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática.
- RICOEUR, P. (1988). **O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica**. Porto: Rés.
- RICOEUR, P.(1976). **Teoria da Interpretação – O discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70.
- RICOEUR, P.(1988). **O discurso da ação**. Lisboa: Edições 70.
- ROUANET, S. P., **Imaginário e Dominação**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SHOPENHAUER, A. **Metafísica do Belo**. (Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza, SP: EDUNUESP, 2001.
- SMITH, B. H., **CRENÇA E RESISTÊNCIA – A dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea**, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- VEYNE, P., **Como se Escreve a História**, Lisboa: Edições 70, 1987.

**Obras de Memória, História Oral, História Oral e Educação Matemática**

- ABRAHÃO, M.H.M.B. (2001). **História e Histórias de Vida – Destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: PUCRS.
- AGUIAR, F., MEIHY, J. C. S. B., VASCONCELOS, S. G. T. (Org.), **Gêneros de Fronteira: Cruzamentos entre o Histórico e o Literário**, São Paulo: Xamã, 1997.
- ALBERTI, V., **História Oral: A Experiência do CPDOC**, Rio de Janeiro: Editora da FGV:CPDOC, 1990.
- ANDREUCCI, A. G. A. & OLIVEIRA, V. G., **Cultura Amordaçada: Intelectuais e Músicos sob a Vigilância do DEOPS. Módulo VI - Comunistas**, São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002.
- AZEVEDO, R. de & MAÚES, F., (Org.), **Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX**, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
- BARALDI, I.M.(2003). **Retratos da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. Tese de doutorado em Educação Matemática. IGCE, UNESP, Rio Claro.
- BERNARDES, M.R.(2003). **As várias vozes e seus regimes de verdade: um estudo sobre profissionalização (docente?)**. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências. UNESP, Bauru.
- BICUDO, M.A.V. e GARNICA, A.V.M.(2001). **Filosofia da Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica.
- BOSI, A., O Tempo e os Tempos, In: NOVAES, A, (Org.), **Tempo e História**, São Paulo: Companhia das Letras e Secretaria Municipal de São Paulo,1994.
- BOSI, E. (1995). **Memória e Sociedade**. São Paulo: Cia das Letras.
- BOSI, E., **Memória e Sociedade**, São Paulo: Companhia das Letras,1994.
- BRESCIANI, S. & NAXARA, M., (Org.) **Memória e (res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**, Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- BROWN, C.S. (1988). **Like it was: a complete guide to writing oral history**. New York: Teachers & Writers.
- CORDEIRO, J. F. P., **Falas do Novo, figuras da tradição: O novo e o tradicional na educação brasileira (anos 70 e 80)**, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FERNANDES, F. A. G., **Entre Histórias e Tererés: O Ouvir da Literatura Pantaneira**, São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (1996). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- FREITAS, M.T. de A. (org.) (1998). **Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica**. Rio de Janeiro: Raval.

- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, **Versões e Ficções: O Sequestro da História**, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
- GARNICA, A.V.M. (2001). Pesquisa Qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. **MIMESIS**, Bauru, v.22, n.1, p. 35-48.
- GARNICA, A.V.M. (2002). História Oral e Educação Matemática: um inventário. Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru (mimeo).
- GARNICA, A.V.M. e FERNANDES, D.N. (2002). Concepções de Professores Formadores de Professores: exposição e análise de seu sentido doutrinário. **QUADRANTE**. Vol. 11, n. 2, pp. 75-98. APM: Lisboa, Portugal.
- GARNICA, A.V.M.(2003). História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. **ZETETIKÉ**, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM.
- GARNICA, A.V.M.. (Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em História Oral e Educação Matemática. In BICUDO, M.A.V. e BORBA, M.C.. **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez
- GATTAZ, A. C., **Braços da Resistência: Uma História Oral da Imigração Espanhola**, São Paulo: Editora Xamã, 1996.
- GOODY, J.(1993). **The interface between the written and the oral**. New York: Cambridge University Press.
- GUÉRIOS, E. C. (2002). **Espaços Oficiais e Intersticiais da Formação Docente: histórias de um grupo de professores na área de Ciências e Matemática**. Tese de doutoramento em Educação. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP.
- HALBWACHS, M., **A Memória Coletiva**, São Paulo:Vértice/Revista Editora dos Tribunais, 1990.
- JOUTARD, P., **Esas voces que nos llegan del pasado**, México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- KENSKI, V.M. (s/d). **Memória e Prática docente**. Série Seminários. Faculdade de Educação da Unicamp: Centro de Memória. p. 101-114.
- LANDO, J.(2002). **O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: uma história oral temática**. Universidade Estadual de Mato Grosso, Faculdade de Ciências Exatas, Sinop.
- LEWIS, B. (1975). **History: Remembered, Recovered, Invented**. Princeton: Princeton University Press.
- MARTINS, M.E. (2003). **Resgate histórico da formação e atuação de professores da zona rural (oeste paulista, 1960-1970)**. Relatório de Iniciação Científica. Bauru: UNESP/FAPESP.
- MEIHY, J. C. S. B. (Org.), **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**, São Paulo: Xamã/USP, 1996.
- MEIHY, J. C. S. B., **Manual de História Oral**, São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MOLES, A. (1995). **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MONTENEGRO, A.T. (1994). **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto.
- MORAES, M. (Org.), **Entre-vistas: Abordagens e Usos da História Oral**, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- MORAES, M. (Org.), **História Oral**, Rio de Janeiro: Diadorim Editora LTDA, 1994.
- MORAES, M., AMADO, J. (Org.), **Usos e Abusos da História Oral**, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MORLEY, H. (1998). **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras.
- NÓVOA, A. (org.). (1995). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora.
- OLIVEIRA, P. de S. (1999). **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- PALLARES-BURKE, M.L.G.(2000). **As muitas faces da história – nove entrevistas**. São Paulo: UNESP.
- PARK, M. B. (Org.), **Memória em Movimento: na formação de Professores**, Campinas: Mercado das Letras, 2000.
- PERKS, R. & THOMSOM, A. (ed.). (1998). **The Oral History Reader**. London/New York: Routledge.

## I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos

- PESSANHA, J. A. M., Filosofia e Modernidade: Racionalidade, Imaginação e Ética. In: **Cadernos Anped**, n° 4, setembro de 1993. (pp. 1-36)
- POLLAK, M., Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro:CPDOC/FGV, vol. 2, n. 3, 1989, pp 3-15.
- PORTELLI, A.(1991). **The death of Luigi Trastulli and other stories – Form and meaning in Oral History**. New York: State University of New York Press.
- PRETI, D. (Org.), **Análise de Textos Oraís**, São Paulo: FFLCH/USP, 2001.
- RITCHIE, D. (1994). **Doing Oral History**. New York: Simon & Schuster.
- ROSENBLUTH, V.(1997). **Keeping Family Memories Alive – Discovering & Recording the stories & reflections of a lifetime**. Vancouver: Hartley & Marks Publishers.
- SHAMA S. **Paisagem e Memória**, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, S.R.V. da. (2004). **Identidade Cultural do Professor de Matemática a partir de depoimentos (1950-2000)**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: UNESP.
- SILVA, Z. L. da, (Org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e perspectivas**, São Paulo: Editora UNESP:FAPESP, 1999.
- SIMSOM, O.R. de M. von. (org.). (1997). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: Centro de Memória – UNICAMP.
- SIMSON, O. de M. von. (org.). (1988). **Experimentos com História de Vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais. p. 14-45.
- SIMSON, O. R. M. de (Org.), **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**, Campinas: CMU:UNICAMP, 1997.
- SOUZA, A.C.C. de. (2003). Memórias e Paisagens: trilhas e caminhos para a formação de professores. In BICUDO, M.A.V.(org.). **Formação de Professores: da incerteza à compreensão**. Bauru: USC, 2003. pp. 85-118.
- SOUZA, A.C.C. de. (2004). O sujeito da paisagem. Teias de poder, táticas e estratégias em Educação Matemática e Educação Ambiental In BICUDO, M.A.V. e BORBA, M.C.. **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez.
- SOUZA, A.C.C. de. e SOUZA, G.L.D. de. (2001). Cotidiano e Memória. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá: UEM. 4(8): 63-72.
- SOUZA, G. L. D. de (1999) **Três décadas de Educação Matemática: um estudo de caso na Baixada Santista no período de 1953-1980**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Rio Claro: UNESP.
- STEINER, G. (1970). **Language and Silence: essays on language, literature and the inhuman**. New York: Atheneum.
- THOMPSON, P. **A Voz do Passado: História Oral**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- THOMSON, A; Perks, R. (eds.). (1998). **The Oral History reader**. London: Routledge.
- TODOROV, T. **MEMÓRIA DO MAL, TENTAÇÃO DO BEM**, São Paulo: Arx, 2002.
- TUCHAPESK, M. (2004). O movimento das tendências na relação Escola-Família-Matemática. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). UNESP: Rio Claro.
- VAINFAS, R. (2002). **Micro-História: Os protagonistas anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus.
- VANSINA, J.(1985). **Oral Tradition as history**. Madison: University of Wisconsin Press.
- VIANNA, C. R., **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**, São Paulo: FE/USP, Tese de Doutorado, 2000.
- VIANNA, C. R., **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**, São Paulo: FE/USP, Tese de Doutorado, 2000.

### Periódicos

- Centro de Memória-UNICAMP, **RESGATE: Revista de Cultura**, Campinas:CMU.
- FFLCH/USP, **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, Vol. 42. n° 1 e 2. São Paulo:FFLCH/USP. 1999.
- REVISTA PROJETO HISTÓRIA**. (1997) N. 15. São Paulo: EDUC.

**Obras para tratar da questão metodológica (pesquisa qualitativa)**

- BOGDAN, R. e BIKLEN, S.K. (1991). **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora.
- DELGADO, J.M. e GUTIÉRREZ, J.(Org.). (1994) **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madri: Editorial Síntesis.
- DENZIN, N. & LINCOLN, Y.S. (Eds.). (1994). **Handbook of Qualitative Research**. California: Sage Publications.
- MARTINS, J. (1989). A Pesquisa Qualitativa. In Fazenda, I. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez. pp. 48-58.
- MONTEIRO, R. (org.). (1999) **Fazendo e aprendendo Pesquisa Qualitativa**. Juíz de Fora: FEME.

**Estudos Culturais**

- ADERSON, P. **As Origens da Pós-Modernidade**. (Tradução de Marcus Penchel). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BARTHES, R. **Mitologias**. (Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz). Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. (Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. (Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves). Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BICUDO, M. A. V. **Tempo, tempo vivido e história**. Bauru: Edusc, 2003.
- BUENO, A. S., **Visceras da Memória: Uma Leitura da Obra de Pedro Nava**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. (tradução de Ivo Barroso). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARDOSO JÚNIOR, H. R. **Enredos de Clio: pensar e escrever a História com Paul Veyne**. São Paulo: Edunesp, 2003.
- CARDOSO, C. N. **Tolerância e seus limites: Um Olhar Latino-Americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: EDUNESP, 2003.
- CASTELLS, M., **A ERA DA INFORMAÇÃO: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA**, (Vol. 2-3) (Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer). São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. (Tradução de Luciano Vieira Machado). São Paulo: Edunesp, 2001.
- CORAZZA, S. & SILVA, T.T., **Composições**, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSTA, M., V. (Org.) **Estudos Culturais em Educação: Mídia, Arquitetura, Brinquedo, Biologia, Literatura, Cinema...** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- DERRIDA, J. **POSIÇÕES**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica. 2001.
- DUNAWAY, D.K. & BAUM, W.K. (ed.).(1996). **Oral History – An Interdisciplinary Anthology**. New York: Altamira Press.
- DUQUE-ESTRADA, P. C., (Org.) **As Margens: A Proposta de Derrida**. Rio de Janeiro: Editora da Puc-Rio, 2002.
- ECO, U., SEBEEK, T. A (eds.). (1988). **Dupin, Holmes, Peirce: The sign of three**. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- EDGAR, A. & SEDGWICK, P. **Teoria Cultural de A à Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. (Tradução Marcelo Rollemberg). São Paulo: Contexto, 2003.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. R., **Os Estabelecidos e Os Outsiders**, (Tradução de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.
- ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos..** (Tradução de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. (Vol. 1 e 2). (Tradução de Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.

- ELIAS, N. **Sobre o Tempo..** (Tradução de Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.
- ENNES, M. A. **A Construção de uma Identidade Inacabada: nipo brasileiros no interior do Estado de São Paulo.** São Paulo: Edunesp, 2001.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos Culturais: Uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERNANDES, F. A. G. (Org.) **Oralidade e Literatura: Manifestações e Abordagens no Brasil.** Londrina: EDUEL, 2003.
- FERNANDES, F. A. G. **Entre histórias e tererês: o ouvir da literatura pantaneira.** São Paulo: Edunesp, 2002.
- FERREIRA, L. M. A. & ORRICO, E. G. D., (Orgs). **Linguagem, Identidade e Memória Social: Novas Fronteiras, Novas Articulações.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- FONSECA, T. M. G. & FRANCISCO, D. J., (Orgs) **Formas de Ser e Habitar a Contemporaneidade.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.
- FREIRE, P., **EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE,** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P., **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FRIDMAN, L. C. **Vertigens Pós-Modernas: Configurações Institucionais Contemporâneas.** (Coleção Conexões). Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2000.
- GIDDENS, A. **Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós.** (Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GONÇALVES, A. J., **Museu Movente: O Signo da Arte em Marcel Proust.** São Paulo: EDUNESP, 2004.
- GONÇALVES, L. A. O. & GOLÇALVES e SILVA, P. B. **O jogo das Diferenças: O Multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GONDAR, J. & BARRENECHEA, M.A. (Orgs), **Memória e Espaço: Trilhas do Contemporâneo.** Rio de Janeiro: 7 Letras. 2003.
- GRAMSCI, A., **Concepção Dialética da História,** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.
- GRAMSCI, A., **Os Intelectuais e a Organização da Cultura,** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.
- GRUZINSKI, S., **o PENSAMENTO MESTIÇO.**(Tradução de Rosa Freire d’Aguiar). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HEINICH, N., **A Sociologia de Norbert Elias,** Bauru:EDUSC, 2001.
- JAMESON, F. **As Sementes do Tempo.** (Tradução de José Rubens Siqueira). São Paulo: Ática, 1997.
- LAKOFF, G., JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LARROSA, J. & SKLIAR, C. (orgs.) **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença.** (Tradução de Semíramis Gorini da Veiga). Belo Horizonte: Autentica, 2001.
- LARROSA, J. **Estudar = Estudiar – edição bilíngüe.** (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Sandra Corazza). Belo Horizonte: Autentica, 2003.
- LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** (Tradução de Alfredo Veiga-Neto). Belo Horizonte: Autentica, 2003.
- LARROSA, J., **NIETSCHE & A EDUCAÇÃO,** (Coleção Pensadores & Educação). (Tradução: Semíramis Gorini da Veiga). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos.** (Tradução de Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. **Reflexão sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches.** (Tradução de Sandra Moreira). Bauru: Edusc, 2002.
- LEVI-STRAUSS, C., **Olhar, Escutar e Ler.** São Paulo:Companhia das Letras, 2001.
- LINS, D., (ORG.) **Nietzsche e Deleuze: Pensamento Nômade.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.
- LYOTARD, J-F., **A Condição Pós Moderna.** (Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa). Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.
- MARCON, T., **Memória, História e Cultura.** Chapecó: Argos, 2002.

## I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos

- MARQUES, H. (org). **As Visões do Tempo**. (Coleção Convite ao Pensar). Belo Horizonte: Autentica: PUC Minas 2002.
- MARQUES, H. (org). **Os Deuses e os Monstros**. (Coleção Convite ao Pensar). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MARQUES, H. (org). **Os Gregos**. (Coleção Convite ao Pensar). Belo Horizonte: Autentica: PUC Minas, 2002.
- MONTENEGRO, A. T., **História Oral e Memória: A Cultura popular Revisitada**. São Paulo: Contexto, 2001.
- OLIVEIRA, R. C., **O Trabalho do Antropólogo**, Brasília: Paralelo 15 e São Paulo: EDUNESP, 2000.
- PEREIRA, E. A. & GOMES, N. P. M., **Flor do não esquecimento: Cultura Popular e processos de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.
- PETERS, M., **pós-estruturalismo e filosofia da diferença: Uma Introdução**. (tradução de Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SANTOS, D., **A reinvenção do Espaço: Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- SCHWARTZ, J. & SOSNOWSKI, S., (Orgs). **BRASIL: O Trânsito da Memória**. São Paulo: Edusp, 1994.
- SILVA, T. T. **Teoria Cultural e Educação: Um vocabulário Crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVA, T. T.; KUNZRU, H. & HARAWAY, D. (orgs). **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVA, T.T.,(Org). **Nunca Fomos Humanos: Nos rastros do Sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SILVA, T.T.,(Org.) **Alienígenas na sala de Aula: Uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SILVA, T.T.,(Org.) **Pedagogia dos Monstros: Os Prazeres e os Perigos da Confusão de Fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVA, Z. L. (org). **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas**. São Paulo: Edunesp: Fapesp, 1999.
- STALLYBRASS, P. **O Casaco de Marx: roupas, memória, dor**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- STOCKER, M. & HEGEMAN, E., **O Valor das Emoções**. (Tradução de Cecília Prada). São Paulo: Palas Athena. 2002.
- VATTIMO, J., **O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na Cultura Pós-Moderna**. (Tradução de Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- WORTMANN, M. L. C. & VEIGA-NETO, A. **Estudos Culturais da Ciência & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

### 4. Quarta Configuração: Temas e Trabalhos

Os trabalhos realizados pelo GH OEM abordam uma variedade bastante grande de temas e não estão – seguindo a configuração anteriormente posta – circunscritos aos trabalhos sobre a História da Educação Matemática Brasileira, ainda que esse tema seja, de certo modo, dominante nas pesquisas já realizadas. Para este memorial, selecionamos uma amostragem que julgamos representativa dos livros, dissertações e teses já finalizados, ainda que haja, como produção complementar, uma vasta gama de artigos publicados em periódicos especializados, conferências e comunicações orais em eventos nacionais e internacionais. A listagem desses trabalhos – abaixo explicitada – pode dar um panorama dos temas abordados.

BARALDI, I. M. (2003). *Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – IGCE, Universidade Estadual de

- São Paulo, Rio Claro.
- BARALDI, I.M. e GARNICA, A.V.M. (2005). *Traços e Paisagens: a Educação Matemática nas décadas de 1960 e 1970*. Bauru: Canal 6.
- BERNARDES, M. R. (2003). *As várias vozes e seus regimes de verdade: um estudo sobre profissionalização (docente?)*. Bauru. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). Universidade Estadual Paulista.
- CURY, F.G. (2007). *Uma narrativa sobre a formação de professores em Goiás*. Rio Claro (Dissertação em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista.
- FILLOS, L.M. (2008). *A Educação Matemática em Irati (PR): Memórias e História*. Curitiba. (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal do Paraná.
- GAERTNER, R. (2004). *A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – IGCE, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro.
- GALETTI, I. P. (2004). *Educação Matemática e Nova Alta Paulista: orientação para tecer paisagens*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – IGCE, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro.
- GARNICA, A.V.M. (2005). *Um tema, dois ensaios: Método, História Oral, Concepções e Educação Matemática*. Tese (Livre-docência). Departamento de Matemática – UNESP – Bauru.
- GARNICA, A.V.M. (org.). (2006). *Mapa, Mosaico, Memória: estudos na interface História Oral – Educação Matemática*. Bauru: Canal 6/e-GHOEM. (CD-Rom).
- GARNICA, A.V.M. (2008). *A experiência do Labirinto: ensaios sobre História Oral e Educação Matemática*. São Paulo: Editora UNESP. (no prelo).
- GARNICA, A.V.M. (2007). *História Oral e Educação Matemática: outros usos, outros abusos*. SBHMat: Guarapuava.
- GIANI, L.M.C. (2004). *Concepções De Professores De Matemática: Considerações À Luz Do Processo De Escolha De Livros-Texto*. Bauru (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Estadual Paulista.
- GIATTI, J.K.G. (2006). *Formação de Professores Indígenas: um estudo em Educação Matemática na Comunidade de Araribá – SP*. Bauru. (Relatório de Iniciação Científica). Licenciatura em Matemática. Universidade do Sagrado Coração.
- LANDO, J. C. (2002). *O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: Uma História Oral Temática*. Sinop (Monografia de Especialização em Educação Matemática). Universidade Estadual do Mato Grosso.
- LONGEN, A. (2008). *Livros didáticos de Algacyr Munhoz Maeder sob um olhar da Educação Matemática*. Curitiba. (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Federal do Paraná.
- MARTINS, M. E. (2003). *Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)*. Relatório de Iniciação Científica. FAPESP/Departamento de Matemática, Universidade Estadual de São Paulo, Bauru.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. (2007). *Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e marginalidade*. Rio Claro. (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista.
- MARTINS, R.M. (2007). *Cuidado de si e Educação Matemática: perspectivas, reflexões e práticas de atores sociais (1925-1945)*. Rio Claro (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista.
- OLIVEIRA, F.D. de. (2008). *Análise de textos didáticos: três estudos*. Rio Claro (Dissertação em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista.
- REVISTA PESQUISA QUALITATIVA. (2006). Edição Temática (História, Memória, Oralidade). n.1, ano 2. São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos (SE&PQ)/GHOEM.
- ROLKOUSKI, E. (2006). *Vida De Professores De Matemática – (Im)Possibilidades De Leitura*. Rio Claro. (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista.
- SEARA, H.F. (2005). *Núcleo de Difusão do Ensino de Matemática – NEDEM – “Não é difícil ensinar Matemática”*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal do Paraná (UFPR).

- SILVA, H. da. (2007). *Centro de Educação Matemática (CEM): Fragmentos de Identidade*. Rio Claro. (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista).
- SILVA, R. V. da. (2004). *Identidade Cultural do Professor de Matemática a partir de depoimentos (1950-2000)*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.
- SOUZA, G. L. D. de (1999). *Três décadas de Educação Matemática: um estudo de caso da Baixada Santista no período de 1953 a 1980*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – IGCE, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro.
- SOUZA, L.A. (2006). *História Oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). IGCE – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática – UNESP – Rio Claro.
- SOSSOLOTE, L. C. (2007). *As Instituições e suas Práticas: contribuição para um resgate histórico dos Grupos Escolares*. Bauru. (Relatório de Iniciação Científica). Licenciatura em Matemática. Universidade Estadual Paulista.
- TRIPOLI, T.A. (2003). *Um olhar histórico sobre o curso de Matemática da Universidade do Sagrado Coração*. Bauru. (Relatório de Iniciação Científica). Licenciatura em Matemática. Universidade do Sagrado Coração.
- TRIPOLI, T. A. (2005). *A Matemática escolar no início do século XX: uma análise de livros didáticos da década de 1930*. Bauru. (Relatório de Iniciação Científica). Licenciatura em Matemática. Universidade do Sagrado Coração.
- TUCHAPESK, M. (2004). *O Movimento das Tendências na Relação – Escola-Família-Matemática*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). UNESP-Rio Claro.
- VIANNA, C. R. (2000). *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática*. São Paulo. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- ZANARDI, L. S. de O. (2006). *As margens e as águas do Rio Corumbataí: uma perspectiva de antigos moradores*. Rio Claro. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista.

### 5. Quinta Configuração: Programa de Pesquisa

A configuração do Programa de Pesquisa – aqui tomado como o grande projeto cuja função é amalgamar, numa mesma intenção, todos os trabalhos desenvolvidos pelo GH OEM – pode ser explicitada em duas grandes frentes: O GH OEM pretende, de forma sistemática e contínua:

- (a) estudar as potencialidades e limitantes da História Oral para a Educação Matemática e
- (b) constituir um mapa (histórico) relativo à formação de professores de Matemática no Brasil. Tal mapeamento pretende servir como complementação à História da Educação Matemática, visto que cumpre a função de investigar práticas de formação e atuação de professores, alunos e administradores a partir de uma perspectiva alternativa àquela usualmente implementada nos estudos que vinculam História, Matemática e Educação Matemática.

### Sobre os estudos de natureza metodológica

Um método é mais do que um conjunto de procedimentos – é um conjunto de procedimentos munido com fundamentações que agem como um lastro para garantir a pertinência das intenções e ações do pesquisador – e portanto, se fossemos resumir as intenções dos projetos iniciais diríamos que eles pretendiam configurar um amplo estudo metodológico sobre a História Oral.

Os projetos desenvolvidos pelo GH OEM de 2002 a 2007 nos ajudaram a compreender tanto o método chamado História Oral quanto suas possibilidades para a Educação Matemática, visto que investigações específicas foram realizadas ao mesmo tempo em que uma configuração mais estável do



método era buscada. Explica-se: essa intenção – que chamamos de “constituição do método em trajetória” – pressupõe que um método configura-se como um processo e não pode ser estabelecido *aprioristicamente*, sem um objeto específico a investigar, uma vez que nas pesquisas de natureza qualitativa são os objetos que vão exigindo procedimentos específicos para compreendê-los. Cada pesquisa realizada servia para uma análise metodológica que nos dava parâmetros sobre os sucessos e as limitações do método. O vetor inicial para as primeiras pesquisas deu-se a partir de interlocuções que realizamos com profissionais – esses já familiarizados com o que chamavam História Oral, como sociólogos e historiadores, mais particularmente – e bibliografias específicas de outras áreas e, como consequência, resultado de várias análises metodológicas em trajetória, fomos constituindo o que hoje chamamos de “História Oral em Educação Matemática”, que, embora dialogue com a História Oral como compreendida por outras áreas do conhecimento, é algo diferente, constituído numa trama de apropriações criativas.

Hoje, portanto, passados quase seis anos, durante os quais esforços sistemáticos foram feitos para compreender a História Oral e suas potencialidades para a Educação Matemática, temos um solo mais bem configurado, parâmetros metodológicos mais estáveis. Ainda assim, cremos que, dentro do que chamamos “um estudo metodológico sobre a História Oral”, é pertinente continuar o processo de caracterização de campos mais específicos para a constituição da História da Educação Matemática e é necessário estudar, com mais profundidade, a utilização de fontes distintas (escritas e orais) em projetos de História Oral. Nossa intenção, portanto, é desenvolver alguns sub-projetos que, ao mesmo tempo, atentem para essas preocupações específicas; auxiliem a compreender objetos de investigação ainda pouco estudados; e continuem avaliando as potencialidades e limitantes da metodologia “História Oral” para a Educação Matemática.

### **Sobre o mapeamento proposto**

Um mapeamento da formação de professores de Matemática (de um modo mais geral “professores que ensinam Matemática”) é por nós entendido como uma configuração aberta, uma possibilidade de reescritura das condições em que ocorreu essa formação, dos modos com que se deu a atuação desses professores, do como se apropriavam dos materiais didáticos, seguiam ou subvertiam as legislações vigentes. Tal mapeamento não se faz, de modo pleno, nem por um único pesquisador, nem num curto período de tempo. São necessários esforços vários e devem ser chamadas à cena diversas áreas do conhecimento e suas abordagens, posto que o retrato histórico pressupõe a conjugação de diferentes perspectivas e enfoques, a possibilidade de entender centros e margens, ouvindo professores, alunos, funcionários e administradores cujas vozes, via-de-regra, são silenciadas ou inaudíveis. Nas pesquisas brasileiras, as fontes sobre as vidas dos principais atores em mapeamentos similares ao que propomos têm sido, majoritariamente e usualmente, os estáticos registros escolares (diários de classe, boletins de supervisores de ensino, registros de exames, atas e livros de presença) que pouco ou nada falam sobre as expectativas desses atores sobre a profissão, seus encantamentos e desencantos, suas ansiedades, seus motivos e justificativas para terem desenvolvido suas experiências docentes como as desenvolveram, as imposições a que foram sujeitos, as formas de subversão que implementavam (ou não), as possibilidades de formação a que recorreram, as limitações políticas, geográficas etc. Para a configuração de um cenário, certamente, fontes de natureza arquivística são importantes, tanto quanto o são os grandes vultos, os secretários de educação, os acadêmicos, os ministros, presidentes e os responsáveis pelas políticas públicas. Fontes assim têm nos dado contribuições fundamentais, mas é importante ressaltar a necessidade de focar também os que efetivamente frequentaram os corredores e pátios, conviveram com os alunos, prepararam as merendas, viveram o dia-a-dia das escolas e não apenas uma sua idealização. Não se trata de ouvir apenas os excluídos, os casos desviantes, mas de TAMBÉM ouvi-los e ressaltar suas perspectivas nesse cenário em que, mais frequentemente, o foco na *prima-donna* tem apagado o coro e a orquestra. Julgamos que, na composição de nosso mapeamento, uma rica pluralidade de aspectos pode ser resgatada a partir da narrativa dos professores, relatos que imprimem vida ao traçado histórico, preenchem as infinitas e profundas entrelinhas dos registros escolares. Tais narrativas têm sido registradas e interpretadas por nós

## **I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos**

como verdades que os sujeitos enunciam como suas, sendo assim aceitas. A memória filtra, reordena, fantasia. A memória interpreta, redimensiona, inventa, complementa. A memória nos permite constituir textos – como o são aqueles que compõem o nosso mapeamento – nos quais também nós, como pesquisadores, reordenamos, interpretamos, fantasiamos, estabelecemos verdades que julgamos poder sustentar. É assim esse mapeamento coletivamente constituído: um outro texto na procissão de textos possíveis, sem a pretensão de uma significação singular.

### **Apoio Financeiro**

O GHOM tem contado com o apoio financeiro de diversas instituições nacionais. Esses auxílios nos chegam a partir de auxílios de diferentes naturezas (Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq; bolsas de mestrado e doutorado do CNPq e CAPES; Bolsas de iniciação científica do CNPq – cota de pesquisador -; PIBIC/UNESP-CNPq e UNESP-Núcleo de Ensino; Editais de apoio à Ciência e Tecnologia; Editais Universais/CNPq e auxílios para participação em eventos – CNPq e FAPESP). A UNESP, além de bolsas de iniciação científica, tem nos ajudado com materiais de reposição frequente (como os materiais de escritório) e aparelhos e utensílios necessários ao bom andamento das atividades de pesquisa (como aparelho de ar condicionado, armários e mesas). Ressalte-se que o Departamento de Matemática da UNESP de Bauru nos cedeu sala específica para alocar os equipamentos e materiais do grupo. Nessa sala, com acesso à internet e telefones, são mantidos nossos computadores, filmadora, gravadores, câmera fotográfica, impressora e projetor de multi-mídia, bem como nosso acervo de livros didáticos antigos (esse acervo, conseguido com verbas provenientes de projetos específicos, reúne cerca de mil volumes de obras voltadas para o ensino de Matemática publicadas desde o século XVII até meados da década de 1970).

### **Autoria**

Este Memorial, composto para participação no I Encontro de Representantes de Grupos de Pesquisa e Estudos Qualitativos, foi elaborado por Antonio Vicente Marafioti Garnica, Ivete Maria Baraldi e Maria Ednéia Martins-Salandim. Em Junho/Julho de 2008.